

**Edneide Alves Moura Silveira**  
**Maria Gracilene de Oliveira**  
**Maria Jacsonilma Lima Moura**

# **A Reconstrução do Cruzeiro na Cidade de Pereiro-Ce**



**AYA EDITORA**  
**2022**

# **A Reconstrução do Cruzeiro na Cidade de Pereiro-Ce**

Edneide Alves Moura Silveira

Maria Gracilene de Oliveira

Maria Jacsonilma Lima Moura

## **Direção Editorial**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

## **Autoras**

Edneide Alves Moura Silveira

Maria Gracilene de Oliveira

Maria Jacsonilma Lima Moura

## **Capa**

AYA Editora

## **Revisão**

As Autoras

## **Executiva de Negócios**

Ana Lucia Ribeiro Soares

## **Produção Editorial**

AYA Editora

## **Imagens de Capa**

Acervo das Autoras

## **Área do Conhecimento**

Ciências Humanas

# **Conselho Editorial**

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

*Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí*

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

*Centro Universitário Santa Amélia*

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

*Instituto Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

*Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP*

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

*Centro Universitário FACEX*

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

*Universidade do Estado de Minas Gerais*

Prof.ª Ma. Denise Pereira

*Faculdade Sudoeste – FASU*

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

*Universidade Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença*

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

*Faculdade Santa Helena*

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

*Universidade Federal de Roraima*

Prof.º Me. Jorge Soistak

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara*

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

*Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

*Faculdade Santana*

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

*Universidade Federal Rural de Pernambuco*

**Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues**

*Universidade Norte do Paraná*

**Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa**

*Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP*

**Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes**

*Universidade Estadual do Centro-Oeste*

**Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda**

*Universidade Estadual de Ponta Grossa*

**Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes**

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus  
Pauapebas*

**Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira**

*Instituto Federal do Acre*

**Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail**

*Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

**Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares**

*Universidade Federal do Piauí*

**Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros**

**Rodrigues**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda**

**Santos**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues**

*Instituto Federal de Santa Catarina*

© 2022 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelas autoras para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas neste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de suas autoras e não representam necessariamente a opinião desta editora.

---

S5871 Silveira, Edneide Alves Moura

A reconstrução do cruzeiro na cidade de Pereiro-Ce [recurso eletrônico]. / Edneide Alves Moura Silveira, Maria Gracilene de Oliveira, Maria Jacsonilma Lima Moura. -- Ponta Grossa: Aya, 2022. 38 p

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-138-1

DOI: 10.47573/aya.5379.1.87

1. Ceará - História. 2. Cultura popular – Ceará. I. Oliveira, Maria Gracilene de. II. Moura, Maria Jacsonilma Lima. III. Título

CDD: 981.098131

---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

## **International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI**

**AYA Editora©**

**CNPJ:** 36.140.631/0001-53

**Fone:** +55 42 3086-3131

**E-mail:** contato@ayaeditora.com.br

**Site:** <https://ayaeditora.com.br>

**Endereço:** Rua João Rabello Coutinho, 557  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
84.071-150

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>A HISTÓRIA POR TRAZ DO MONUMENTO .....</b>	<b>10</b>
O Caráter Histórico do Monumento Cruzeiro... 10	
Contextos históricos temporal..... 14	
<b>O SIGNIFICADO DA RECONSTRUÇÃO DO CRUZEIRO .....</b>	<b>20</b>
Intencionalidades envolvidas no processo de re (construção) .....	20
<b>MONUMENTO COMO LUGAR DE MEMÓRIA.....</b>	<b>25</b>
Simbologia e Significado em torno do Cruzeiro	25
Compreensão da memória da oração de proteção .....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>32</b>
<b>FONTES DOCUMENTAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>SOBRE AS AUTORAS .....</b>	<b>34</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>35</b>

# Apresentação

Este trabalho procura retratar a importância do Cruzeiro para o povo da cidade de Pereiro-Ce, do ponto de vista sócio-econômico, religioso e cultural, e para o visitante que, ao participar da Festa dos padroeiros S.S. Cosme e Damião, vivencia a identidade e a cultura popular através do enfoque na religiosidade e no profano. Parte da premissa de que a mentalidade é o estudo das mediações, de um lado as condições dos homens e a de outro a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem. Sendo entendida dessa forma vemos, pois, que a construção dos costumes de uma sociedade se faz pela transcendência do conhecimento apreendido pelos antepassados, pela renovação e criação de novos. Para uma compreensão dos fenômenos relacionados ao Monumento Cruzeiro na cidade de Pereiro - CE se fizeram necessários um estudo e uma pesquisa mais aprofundada em relação a esse marco na religiosidade das pessoas que compõe este lugar.

***Edneide Alves Moura Silveira***

***Maria Gracilene de Oliveira***

***Maria Jacsonilma Lima Moura***

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a reconstrução do cruzeiro erguido no patamar da igreja da cidade de Pereiro – CE, no intuito de discutir a representação simbólica cultural e religiosa do mesmo para os habitantes desta cidade. A motivação para escrever sobre o referido tema adveio das histórias ouvidas desde criança sobre sua origem e significado do cruzeiro para a população do município, que, diga-se de passagem, é predominantemente católica. Porém, mesmo se tratando de um monumento religioso este adquiriu ao longo do tempo um significado cultural para a população independentemente de crenças e credos, integrando-se a paisagem da cidade e passando a fazer parte do patrimônio cultural local.

A opção pela história local como objeto de análise nesse estudo deve-se inicialmente a necessidade de documentar as histórias contadas em torno do tema construindo-se dessa forma um documento escrito dessa história, haja vista, ser esse um campo escasso de documentos escritos.

A história local é um tema recorrente na historiografia contemporânea e constitui-se um campo de pesquisa ao mesmo tempo vasto e complexo. Sobre este ponto Raphael Samuel afirma que:

“A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.<sup>1</sup>

Cientes da complexidade que envolve o tema procuramos neste trabalho retratar a importância do Cruzeiro para o povo da cidade de Pereiro, pesquisando de forma mais aprofundada a relação desse marco com a religiosidade e a cultura das pessoas que compõe este lugar, que tem seu ápice na Festa dos padroeiros S.S. Cosme e Damião. Tomando como base a consulta de fontes orais

---

<sup>1</sup> Samuel Raphael. *História Local e História Oral* [tradução: Zena Winoma Eisenberg] In: *Rev.Bras. de Hist. SP.* p. 219. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.



e escritas, analisamos as intencionalidades e motivações que envolvem a sua reconstrução sintetizada em três capítulos. O primeiro capítulo – A História por traz do Monumento- busca-se compreender o caráter histórico do monumento situando-o num contexto histórico temporal.

O Significado da Reconstrução do Cruzeiro é o título do segundo capítulo no qual objetiva-se compreender as motivações da reconstrução, situando atores e intencionalidades envolvidas no processo.

O terceiro capítulo trata da simbologia e significado em torno do cruzeiro. Nesse sentido discute-se a representação simbólica, cultural e religiosa do mesmo, assim como a compreensão da permanência na memória coletiva do mito da oração de proteção da cidade.

# A HISTÓRIA POR TRAZ DO MONUMENTO

Este capítulo apresenta uma definição de cruzeiro como expressão religiosa que constitui sólidos elementos para o estudo das crenças, dos costumes e qualidades de um povo em diferentes épocas de sua história.

## O Caráter Histórico do Monumento Cruzeiro

Uma das definições para cruzeiro é que trata-se de uma *cruz geralmente em pedra ou madeira, que normalmente é colocada sobre uma plataforma com alguns degraus ou sobre a extremidade de espigueiro<sup>2</sup>s*. Segundo o dicionário Aurélio, Cruzeiro “*significa uma grande cruz de pedra erguida nos adros, cemitérios, praças capelas, igrejas etc.*”<sup>3</sup> Podem ser de diversas dimensões e normalmente são colocados nos adros das igrejas, cemitérios, lugares elevados ou em encruzilhadas de caminhos.

Os cruzeiros são nesse sentido, elementos que atestam a crença na religião cristã, símbolo da maioria dos povos ocidentais, foram e ainda são o testemunho da fé dos portugueses, tornaram-se assim padrões por excelência da Cristandade, símbolo que demarca a presença da igreja.

Tomando como referência os sentidos da palavra cruzeiro, acima descritos, pode-se afirmar que o primeiro cruzeiro erguido no Brasil data do seu descobrimento, a cruz que Cabral aqui “chanteou” com o intuito de demarcar a terra descoberta, como descreve Maria Adelina Amorim numa leitura sobre a carta de Pero Vaz de Caminha:

A chantadura da cruz, cujo símbolo ficou ligado o nome do lugar encontrado: “Terra de Vera Cruz”: «E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de Maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor cantar a cruz, para melhor ser vista. Ali assinalou o capitão o lugar onde fizessem a cova para a cantar<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Cruzeiro Cruzeiro (monumento). Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro\\_\(monumento\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_(monumento)).

<sup>3</sup> <http://www.dicio.com.br/cruzeiro/> acessado em 11/09/2010.

<sup>4</sup> Maria Adelina Amorim. *Frei Henrique de Coimbra: primeiro missionário em Terras de Vera Cruz* in, *Revista Camões* nº82000. Dis-

Ainda segundo a autora, *“À falta de um padrão de pedra, esculpiu-se uma cruz de madeira, com as armas e divisa de D. Manuel, obra executada por dois carpinteiros na terça-feira anterior...<sup>5</sup>”*. A descrição da autora e a imagem criada em torno desse ato, como o quadro *“A Segunda Missa no Brasil”*, do pintor brasileiro Victor Meirelles, contribui para a confirmação de que a cruz erguida por Cabral pode ser definida como um cruzeiro.

Se utilizada inicialmente para demarcar a posse da terra, ao longo do tempo graças à presença do catolicismo no Brasil, o culto a cruz se popularizou entre o povo, sendo representada em diferentes formatos de dimensões. Como podemos perceber nos escritos de Meynardo Rocha de Carvalho, *“no século XVIII, era comum colocar cruzes nas pontes e cruzeiro no ponto mais alto da cidade. Normalmente, o cruzeiro era decorado com martírios de Cristo”<sup>6</sup>*.

Como marcos de fé os cruzeiros fazem parte da paisagem humanizada, marcando locais e áreas de acontecimentos individuais (alegres ou de morte) ou públicos, quer histórico quer religioso. Nesse sentido passa a fazer parte da história de vida de um lugar e se entrelaçam na paisagem e na cultura da população como ocorre na cidade de Pereiro. Onde é possível encontrar em algumas praças, caminhos, no meio da povoação, nos cruzamentos de caminhos, em jardins, ou nos planaltos, apresentam as mais variadas formas em distintos materiais regionais e com diferentes tipos.

Dependendo do local e da finalidade com que são construídos podemos encontrar, cruzeiros simples, com uma simples cruz, cruzeiros com cruz trabalhada e assentes em degraus ou cruzeiro assente em colunas.

Muitos dos aspectos da vida interior dos cruzeiros aparecem plasmados nas suas inscrições, principalmente os que se encontram nos adros das igrejas,

ponível em: <http://www.institutocamoes.pt/revista/freihenrique.htm>

<sup>5</sup> Maria Adelina Amorim. *Frei Henrique de Coimbra: primeiro missionário em Terras de Vera Cruz* in: *Revista Camões* nº82000 .Disponível em: <http://www.institutocamoes.pt/revista/freihenrique.htm>

<sup>6</sup> Carvalho, Meynardo Rocha de. *O BEIJO E A SANTA: DEVOÇÃO E SOCIABILIDADE NAS MINAS DO SÉC. XVIII*. In: *Tradições de Minas por Márcio Vinícius Horta*. Disponível em: [www.descubraminas.com.br](http://www.descubraminas.com.br) Acesso em 05 de setembro de 2003.

que tem como finalidade a santificação dos espaços onde se determinavam as procissões que percorrem o perímetro da igreja e dão a volta ao redor do cruzeiro, sagram locais, agrupa pessoas que pedem orações e sufrágios e servem de padrões paroquiais nos adros das igrejas e capelas, dominam e protegem os campos, recordam epidemias, assinalam momentos históricos tais como as brincadeiras, as músicas cantaroladas, às danças, os jogos, as histórias contadas e/ou lidas e até os namorados que se enamoravam encostados a ele a adorar a clara bola da lua. Traz ainda na sua constituição ótimos elementos para o estudo das crenças, dos costumes, qualidades e tendências artísticas do povo, nas várias épocas da sua história.

Somente conhecendo o caráter histórico cultural acerca da vida interior dos cruzeiros de uma comunidade podemos entender um pouco o que ela é: o que fazem as pessoas que ali vivem, e até o que desejam e sonham, enfim, conhecer a sua história e até quem sabe ajudá-la a construir se não a tem.

Por isto os historiadores, para escreverem os livros de História, vão procurar informações estudando os bens do patrimônio cultural. Eles pesquisam dados do meio ambiente, buscam documentos nos arquivos, museus e bibliotecas, lêem livros, entrevistam pessoas, estudam outros tipos de bens culturais. E conosco não foi diferente, percorremos estes mesmos caminhos.

Para tanto, precisamos também entender como trabalham os historiadores e, como eles buscam conhecer o que dizem os documentos, os monumentos, as fotografias, as manifestações artísticas, os documentários da TV ou do cinema, os jornais, ou as lembranças dos mais velhos nos seus relatos orais.

Assim veremos como é fascinante a nossa história, quanto há o que aprender com ela! “Certamente vamos entender e valorizar este patrimônio, que fala da nossa história e que, portanto, fala sobre nós mesmos”. Nesse sentido Ana Martha Machado Sampaio afirma que:

Resgatar a história da nossa cidade talvez seja o mesmo que resgatar a identidade do nosso povo, nossa cultura, nossas raízes. Só assim explica o fato de inúmeros professores, estudantes e outros pesquisadores insistirem na procura de remanescentes que foram deixados para trás e que renascem a cada momento através da memória contida em um acervo bibliográfico composto de jornais, revistas livros... Enfim, tudo que contenha informações de um enorme valor cultural. Também, temos que levar em consideração o fator cultural que nos remete a um novo mundo, pois o saber abre asas para o conhecimento e interesse cada vez mais à informação.<sup>7</sup>

Assim atentar para a importância que se dá ou que se tem o monumento que está vinculado à história de Pereiro é um convite à (Re) construção da história do cruzeiro religioso de Pereiro/ CE. Na constatação de Le Goff, o monumento é um dos materiais da memória coletiva:

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado a memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.<sup>8</sup>

O contar dos fatos relevantes foi para nós uma verdadeira reconstrução da memória do povo Pereirense. Tais fatos merecem destaque como é o caso do cruzeiro religioso. E como diz Magalhães:

Não basta limpar, inventariar e organizar é também fundamental reinstalar a informação a partir de uma nova organização para que o acesso e a conservação condignos sejam possibilitados.<sup>9</sup>

Trata-se de ressaltar o sentido histórico cruzeiro, pois este se constitui um bem cultural de interesse (valor) local. "Um dos elementos que compõem o patrimônio cultural".

A UNESCO define Patrimônio Cultural como todas as expressões criadas pela sociedade que, com o tempo, são agregadas às das gerações anteriores e pode ser dividido em três grandes categorias de elementos: os

7 SAMPAIO, ANA MARTHA MACHADO. *Elementos Informativos para a Memória Cultural de Feira de Santana e Região. Uma Necessidade de Preservação* [http://www.cinform.ufba.br/iv\\_anais/artigos/TEXTO03.HTM](http://www.cinform.ufba.br/iv_anais/artigos/TEXTO03.HTM). Bibliotecária do Museu Casa do Sertão/UEFS, mestranda em Gestão de UEFS. Acesso: 22/11/2010.

8 (Jacques Le Goff 2006 p. 526).

9 (Magalhães, 1999, p. 59).

*elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente; os elementos referentes ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer; e os elementos chamados bens culturais que englobam objetos, artefatos e construções.* De modo abrangente o Patrimônio Cultural não se limita ao aspecto arquitetônico, ou seja, às construções antigas e seus pertences, sendo este, porém, o sentido mais comumente utilizado. Para Maria Diana de Faro Leal Diniz, de todos os elementos que compõem o Patrimônio Cultural, os mais importantes são os artefatos, ou seja, objetos e construções<sup>10</sup>. A palavra artefato, quando contextualizada no tema Patrimônio Cultural, tanto pode designar um machado de pedra polida como um foguete interplanetário ou uma igreja ou a própria cidade em volta dessa igreja<sup>11</sup>.

Nosso objeto de estudo se enquadra na categoria dos artefatos por se tratar de um monumento erguido no patamar da igreja, e com substancial história que se entrelaça com a história da cidade. E em última análise constata-se e enfatiza-se que esse tema está ligado às construções antigas e seus pertences, representativos de gerações passadas. Trataremos, pois do “Patrimônio Histórico”, de forma particularmente da vida interior dos cruzeiros.

## **Contextos históricos temporal**

Passemos agora a conhecer um pouco da vida interior do nosso cruzeiro. Por trás desse monumento, existe uma história relacionada com uma situação triste ou dramática, assim como uma profunda devoção vinda a marcar os locais de acontecimentos individuais e ou públicos, quer histórico, quer religioso. Situado junto à Igreja Matriz, é um dos monumentos mais representativos da cidade e traz a representação popular da devoção religiosa, mas, contudo não é e nunca foi somente a causa determinante para a sua construção, pois o cruzeiro da nossa cidade serviu para marcar um acontecimento de pendores variados e para proteger contra influências maléficas e feitiçarias os caminhos dos seus filhos.

<sup>10</sup> (1991),

<sup>11</sup> (DINIZ, Diana M. F. L. (coord.). *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: UFS. 1991).

Foi erguido ali em 1798 com o intuito de representar o marco das missões de Frei Vidal de Frescarolo, vigário da penha do Recife. Frei Vidal da Penha chegou ao Ceará (Fortaleza) em 1796 e andou por todo o Nordeste deixando a fama de iluminado profeta. Sua profecia é datada de 1817, sem dia, mês e localidade<sup>12</sup>. Mas dizem que ele operava verdadeiros milagres e se atribuía uma profecia que previa o futuro dos povos de modo bem lúgubre, segundo a interpretação que a ele emprestavam, tendo o povo uma crença inabalável, pois as calamidades preditas por ele eram esperadas com verdadeiro horror e tradição.

Segundo as palavras do historiador Adauto Odilon da Silva, o missionário capuchinho Vidal da Penha quando realizou missões religiosas no núcleo da serra de Pereiro em 1798, procedia dos sertões do Piauí. Passou por Crateús e adentrou-se pelos sertões centrais do Ceará<sup>13</sup>. Naqueles anos alcançou a povoações de Jaguaribe - mirim onde rumou para serra do Pereiro, subindo pela aludida e escarpada ladeira dos paus brancos, àquela época, única via de comunicação entre o Pereiro, fazendas ribeirinhas do médio Jaguaribe e a vila do Icó, já servia de intercâmbio entre o Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. O missionário capuchinho, nos municípios que passou deixou como símbolo da fé cristã, um cruzeiro para proteção da cidade e início a festa do padroeiro.

Durante sua estada na cidade de Pereiro Frei Vidal da Penha mandou erguer um cruzeiro como marco das missões. Ao bendizê-lo o frade disse que enquanto existisse o cruzeiro, a cidade não seria atacada por nenhuma peste. Recomendou a população que o zelasse e até mesmo as mulheres o defendessem, pois haveria de aparecer um louco para quebrá-lo e uma peste assolaria a cidade. Como a se confirmar a profecia do frei, certa noite apareceu mesmo um louco e quebrou um dos braços do cruzeiro, causando grande pavor na população que acreditava ter ficado desprotegida. No mesmo ano a cidade foi assolada pela peste bubônica, contribuindo para a construção de uma lenda

12 Vicente de Freitas Araújo. *Bela Cruz-Biografia do Município*. Bela Cruz: Edições Cururu, 2007.p 68

13 Adauto Odilon Silva, 2004.

em torno do cruzeiro, numa tentativa de explicar a realidade.

Desde os primórdios da humanidade o homem procurou entender a sua realidade, mas não conseguiu explicações objetivas que explicasse a sua existência. Visto isso, se apoiou ao sobrenatural, ao mistério, ao sagrado e à magia como tentativa de apreender a sua realidade. Meio a esta angústia criou-se o, intermediário, ou seja, os sacerdotes, os magos e os iniciados que exerceriam a função de ponte entre mundo humano e o mundo divino e reger a propagação dos mitos que melhor convier aos seus interesses.

Por ser parte da tradição cultural de um povo, o mito, configura-se como a própria visão de mundo dos indivíduos que passaram a compreender a sua realidade conforme os seus costumes e tradições, com isso a compreensão de mundo difere quando mudamos de cultura. Como conclui Jacques Le Goff, a crença e o costume nos ritos vão sendo transmitido de geração em geração até se tornar uma mentalidade<sup>14</sup>.

A mentalidade é o estudo das mediações, de um lado, a condições dos homens e, a de outros, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem. Em virtude disto, a construção dos costumes de uma sociedade se faz pela transcendência do conhecimento apreendido pelos antepassados e a renovação e criação de novos.

Dado o significado adquirido pelo cruzeiro em decorrência dos fatos, o mesmo foi guardado na igreja matriz por ser venerado pelo povo. No ano de 1900, ao precisar da madeira o reverendíssimo Padre João Carlos Augusto mandou serrar a haste do enorme cruzeiro danificado para trabalhos pertencentes à matriz. Na ocasião da serragem encontrou um invólucro misterioso. Ao examinar o achado o padre emocionado e surpreso descobriu neste a prova das missões de Frei Vidal contendo uma pequena cruz de metal, uma relíquia de Santa Flora

---

<sup>14</sup> Jacques Le Goff. *História: Novos Objetos*, 1998.



e uma oração de proteção da cidade escrita de próprio punho.

Eu Frei Vidal, volo Missionário Apostólico Capuchinho italiano, conventual no hospício de Nossa Senhora da Penha do Recife, na era de 1798, fiz a santa missão nesta capela de Santos Cosme e Damião e aos 27 do mês de outubro, que foi o derradeiro dia dela levantei esta Santa Cruz, e quem rezar aos pés três Aves Maria, e três Glórias ao Pai: em memória da sagrada morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, ganhará cada vez quarenta dias de perdão.

Eis a cruz do senhor. Fugi, oh inimigos, porque o leão da tribo de Judá e da estirpe de Davi venceu. Pelos méritos da Cruz de Cristo e da Imaculadíssima e bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos Cosme e Damião e de todos os santos salvem, projetam e defendem este lugar com todos os seus habitantes.<sup>15</sup>

O padre João resolve fazer um caixilho para guardar e preservar a relíquia com a madeira da própria haste. O mesmo se encontra guardado ao pé do atual cruzeiro, o qual passou a ser um local de veneração e oração. Muitas pessoas, ainda hoje se benzem e oram ao passar em frente do mesmo, por acreditar que receberão graças e proteção.

Fortaleceu-se a crença nos milagres de Frei Vidal, e alguns ainda mantêm-se vivos na memória da população. A título de exemplo podemos citar a crença na perenidade das águas aos arredores da Cidade. A origem dessa crença é relatada pelo historiador Aduino Odilon Silva:

Após sua chegada ao núcleo dos Santos Cosme e Damião, Frei Vidal (...) procurou solucionar o aflitivo problema das roupas sujas, no que fora pronta e imediatamente atendida. No momento em que a generosa lavadeira lhe fez a entrega da vestimenta em apreço, Frei Vidal, afirmam, ao contemplar o caprichoso trabalho dessa voluntária mulher (roupas limpas e bem cuidadas), ficou tão alegre e enobrecido, que, aconchegando-as em seus próprios braços subiu ao morro conhecido pelo “Alto da Pingola”, localizado no sítio João Ribeiro área suburbana da cidade), olhou para os céus, contemplou o infinito e, passando com seu braço direito o sinal cruz, disse para os fiéis que o acompanhavam: tenham fé em Deus que, de hoje em diante, nunca mais faltará água nos arredores desse lugar.<sup>16</sup>

---

15 (Texto escrito por Frei Vidal em 27 de outubro de 1798.) Arquivo da Secretaria da Igreja Matriz.

16 (Aduino Odilon Silva. Serra dos Santos Cosme e Damião, 2004).

Fato ou lenda, certo é que mais de duzentos anos já nos separam daquele acontecimento e, até o presente, esse precioso líquido antes muito escasso, tornou-se peregrino e salutar como que a desafiar os rigores e as intempéries da natureza.

O cruzeiro é um marco da festa dos padroeiros Santos Cosme e Damião. A Festa dos padroeiros de Pereiro é realizada no período de 17 a 27 de setembro, e acontece desde o levantamento do cruzeiro (27 de outubro de 1798) da Igreja de Santos Cosme e Damião. É o momento mais importante do ano no município, pois além de fazer retornar naturais residentes em outras cidades e estados, aglutina boa parte dos moradores dos distritos e localidades vizinhas que durante estes dez dias têm suas atenções voltadas para todos os momentos da festa desde o levantamento da bandeira, no primeiro dia, seguida de uma procissão pelas principais ruas da cidade e hasteamento da bandeira dos santos padroeiros no cruzeiro. Centenas de fiéis reúnem-se em torno do cruzeiro, onde o vigário dom Domênico Zocchi (Padre Gino), eleva algumas preces, declara aberto o novenário em louvor aos santos mártires, seguida de apresentação da banda de música local e show pirotécnico.

A Festa de Santos Cosme e Damião de Pereiro apresenta dentro de suas mudanças ao longo dos tempos, peculiaridades que condizem com a forma de festividades imposta pelas Santas Missões Capuchinhas no Ceará no final do século XVIII, que, de acordo com os argumentos do historiador Eduardo Hoornaert, tem uma marca penitente:

“Essas santas missões são em grande parte responsáveis pelo catolicismo penitencial que se criou no sertão cearense. Para os missionários, os cristãos são, antes de tudo, penitentes e todo o cristianismo é interpretado como uma grande penitência que engloba a vida desde o nascimento até a morte. O grande trabalho do missionário nas Santas Missões é confessar a todos, quer dizer, ouvir os pecados de todos, e depois pregar, quer dizer, falar dos pecados, e preparar com isso as confissões.<sup>17</sup>”

---

17 (HOORNAERT, 1995, p. 56)

Em cada momento do festejo, seu caráter socializador é reforçado, verificando-se a integração de todos os setores da comunidade que juntos reforçam a fé, através do pagamento de promessas, de penitências ou simplesmente pela presença, que significa a oportunidade de conhecer e rever muitas pessoas. A procissão de encerramento, no dia 27 de setembro, une em um só corpo toda a sociedade pereireense, padre, comerciantes, políticos, jovens, velhos, devotos, descrentes, visitantes. Quanto à festa, Mary Del Priori observa: “as festas, além de misturar estilos, sons e partituras misturavam também os corpos”<sup>18</sup>. No que se refere às procissões afirma:

... As procissões são simultaneamente fenômenos comunitários e hierárquicos. Elas exprimem a solidariedade de grupos sociais subordinados a uma paróquia, reforçando tanto os laços de obediência à Igreja e aos poderes metropolitanos, quanto aquele interno, entre os membros de uma comunidade.<sup>19</sup>

Em meio ao desenrolar do festejo, símbolos são fabricados e conservados, como a cruz, os cânticos, a ornamentação, as camisas, os fogos, as penitências e outras motivações ligadas ao compromisso de participar, colaborando para a criação das memórias da festa. Os significados apreendidos na festa são individuais, já que cada participante procura suas próprias identificações em meio às representações simbólicas. Os seus significados fazem com que a festa apresente vários sentidos, importâncias e motivações.

---

18 (DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p.23

19 *idem*)

# O SIGNIFICADO DA RECONSTRUÇÃO DO CRUZEIRO

O presente capítulo objetiva discutir a importância e a necessidade da preservação do monumento cruzeiro analisando o significado do mesmo para a comunidade local a partir do envolvimento desta comunidade no processo de reconstrução.

## Intencionalidades envolvidas no processo de re (construção)

A maioria da comunidade pereirense, principalmente a juventude e mais necessariamente a classe estudantil desconhece a história que envolve de certa forma o cruzeiro da igreja matriz São Cosme e Damião.

A conscientização para o reconhecimento dos bens culturais é fundamental para sua preservação, pois o patrimônio é uma construção coletiva e pertence a todos. Acreditamos que pelo envolvimento da comunidade na preservação patrimonial é que de fato estaremos construindo uma identidade social de nossa população, bem como tentar mostrar a esses jovens e até a comunidade em geral que eles fazem parte do contexto histórico de nossa Cidade, e precisamos saber de fato como ocorreu e o que ocorreu e por que ocorreu nesse período para que tenha sido preciso primar por essa reconstrução. Tarefa árdua. A escassez de documentos e fontes de pesquisa são nossos maiores rivais. Mas o desafio não nos foi imposto e é de livre e necessária vontade que defenderemos O Significado da Reconstrução do Cruzeiro da nossa Igreja Matriz. Ele é um local que nos desperta curiosidade como ao longo desse trabalho vimos insistentemente suscitarmos. E para tanto a UNESCO *vem nos acobertar dizendo:*

Os locais de interesse – São obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, tem um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> [UNESCO, 1972].

Segundo ainda a UNESCO hoje o patrimônio cultural é definido como:

O legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. “Nosso patrimônio é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade, sendo de fundamental importância para a memória, a criatividade dos povos e a riqueza das culturas” [grifos nossos].<sup>21</sup>

Não se deve desprezar a memória que muitas vezes vem incorporada nos suportes antigos e contribui para o esquecimento do cotidiano vivido por inúmeras pessoas de uma comunidade como é o caso da reconstrução do Cruzeiro situado no patamar da igreja matriz da cidade de Pereiro, pois se a memória não é sonho e sim trabalho não devemos duvidar da sobrevivência do passado, tal como se apresenta, e que se deu no inconsciente de cada sujeito. Nesse sentido, coadunamos com o pensamento de Michael Pollak de que *a priori, memória, parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa*<sup>22</sup>. Compreendemos, portanto que as histórias individuais se entrelaçam no que a historiografia denomina de memória coletiva. Nesse sentido, o mesmo autor cita Maurice Halbwachs destaca *que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes*<sup>23</sup>.

O que temos aqui a retratar não é simples, nem fácil como ora já fora dito. Pois se trata de uma memória viva que precisa ser escrita, gravada e historiografada, trata-se, portanto, de documentar as histórias orais de uma comunidade, onde este documento ocupará lugar nas estantes das nossas bibliotecas, na biblioteca da Casa Paroquial e principalmente nas salas de aulas. E de maneira despretensiosa ousamos a ‘mal nos compararmos’ com o personagem do Filme Narradores de Javé - “Antônio Biá”. Não seremos as únicas alfabetizadas nessa história que envolve o povo pereirense, mas teremos

21. [www.eesc.usp.br/nomads/processos\\_de\\_design/patrimonio\\_midia](http://www.eesc.usp.br/nomads/processos_de_design/patrimonio_midia)

22. POLLAK, M.. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, América do Norte, 5, jul. 1992. Disponível em: <http://virtual-bib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 25 Nov. 2010.

23 *idem*

que lidar com a memória individual de muitos conterrâneos, que serão vários personagens nesse capítulo de uma história real que sairá das mentes, dos corações dessa comunidade pereirense, que assim como a comunidade do pequeno vilarejo de Javé sente a necessidade de documentar.

Pois, a memória coletiva desse povo subsidiou nossa pesquisa e nos levou a uma construção significativa, desprezando a memorização mecânica.

A memória deve ser tratada como uma imagem construída pelos materiais que estiveram à disposição do nosso povo mais antigo, no conjunto de representações que povoaram essas consciências e que hoje buscamos trazer para o nosso presente, como um movimento revelador de lembranças para dar a devida importância que se deve ter a reconstrução do cruzeiro religioso esse monumento que muitos talvez até não deem muita importância por não conhecer a sua devida história. Foucault retrata muito bem suas palavras quando diz que:

O trabalho em equipe se faz muitas vezes necessário, para levar a frente os projetos que visam à organização e a conservação de fontes, que exige árduo trabalho de tratamento, organização e armazenamento, além de viabilizar o acesso de usuários, com a constituição de bancos de dados. Ou seja, proporcionar o retorno às fontes não por elas mesmas, mas para se fazer a história e “conferir estatuto e elaboração a uma massa documental de que (a sociedade) não se separa”.<sup>22</sup>

As lembranças de pessoas que fizeram parte desse passado e guardaram em sua memória cenas vividas e que depois retratou aos seus familiares como foi viver essa época.

Ao reconstruir a relação entre tempo e memória a partir da ‘memória coletiva’, é a partir de suas representações que os indivíduos percebem o passado, ao passo que conseguem ‘negociá-lo’ com a história. A história é uma compilação dos fatos que ocupam o maior espaço na memória humana e um dos seus objetivos pode ser exatamente o de “lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida. Porém, como recriar correntes de pensamento coletivo que tomam impulso no passado, quando só podemos tratar do presente? 25.”

---

22 (Foucault, apud Gaulin, J.L., 1998, p.181).

Nos relatos espontâneos (conversas de calçadas), nas histórias ouvidas das avós e nas entrevistas elaboradas e realizadas constatou-se a predominância da afirmação de que a reconstrução do cruzeiro teve uma motivação puramente religiosa que contou com a participação efetiva dos fiéis. Estes contribuíam com a arrecadação de donativos ou com o próprio trabalho.

Dona Cosma Alves de Lima uma das pessoas a qual se entrevistou relata que na igreja havia as irmandades do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria, que promovia competições entre si para angariar recursos para a igreja.

“Iniciei minha irmandade ainda menina. Foi quando fiz minha primeira comunhão que passei a pertencer à irmandade de Santa. Terezinha e a quem pertencessem a essa irmandade receberia logo de início uma fita de cor ‘azul’ em seguida uma fita de cor ‘rosa’. E, já adulta pertenci à irmandade de Nossa Senhora do Carmo e quem pertencesse a essa irmandade receberia uma fita de cor ‘roxa’. As cores das fitas fixavam a relevância de cada irmandade. Mas, forte mesmo, eram os partidos das irmandades do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria. Divididos em dois partidos: “Partido azul e Partido Vermelho”. Ambos se animavam na disputa para angariarem fundos nas festas dos Padroeiros e doarem à matriz de SS. Cosme e Damião. Era uma alegria só! (relembra com certo saudosismo). As barracas se concentravam no antigo comércio velho, (atualmente o pequeno terminal rodoviário) lá aconteciam os famosos leilões e os adornos das barracas eram bandeirolas nas cores dos partidos. De tudo se tinha pra leiloar. A disputa era ferrenha, mas não chegavam a se perder amizades, pois, tudo era em nome de Deus. Era tudo muito bonito de se ver<sup>23</sup>26”.

Para o vigário Domênico Zocchi (padre Gino) não houve motivação política na reconstrução do Cruzeiro. Afirma que “o padroado não influenciou na reconstrução” e acrescenta que a Igreja de Pereiro mantinha uma autonomia em relação ao governo:

“A paróquia foi instituída em 1851 pelo governo brasileiro sob o regime do padroado, durante o qual o governo D. Pedro II, nomeava bispos e padres com um benefício em terras ou em dinheiro (salário): naquele ano o vigário era Padre Manoel Ribeiro de Sousa. Em 1889 o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República e declarou o Estado como laico (separação do estado da igreja) acabando até com o regime do

---

23 Entrevista realizada com Dona Cosma Alves de Lima em: 30 de julho de 2010.

padroado. Pe. Francisco José da Silva Carracho, vigário de Pereiro de 1880 até 1899, foi nomeado pelo governo e sustentado por ele, depois de 1889 teve que se sustentar com rendas da fazenda Tomé Vieira, do sítio Flores e do sítio Milagres. Estas propriedades foram aos poucos alienadas e a igreja passou a viver de espórtulas em ocasiões dos sacramentos (batizados-casamentos e missas). Mais pobre e ao mesmo tempo mais livre de laços governamentais<sup>24</sup>.

A própria comunidade por si só e temendo as palavras profetizadas pelo Frei Vidal da Penha ao benzer o cruzeiro no ato de sua construção, mobiliza-se a reconstruí-lo. E esta se fazia necessário por ser o Cruzeiro considerado um marco de proteção da cidade.

No entanto a reconstrução não seguiu o modelo do antigo cruzeiro, pois o primeiro era uma haste de madeira fincada numa pequena placa de cimento. O cruzeiro reconstruído constitui-se de um pedestal de alvenaria sobre o qual está fincado um crucifixo diferente do erguido por Frei Vidal. Segundo o Padre Gino foi no ano

“Jubilar de 1900 Pe João Carlos achou de aproveitar parte dessa madeira e levantar no mesmo lugar, com um pedestal mais vistoso que ainda hoje existe, um crucifixo, isto é, uma cruz com a imagem de Cristo pregada na mesma. A imagem e o cruzeiro = (crucifixo) estragaram-se tanto, que no ano jubilar seguinte, isto é 2000, foi substituído por outro crucifixo em cima do mesmo pedestal e que se mantém no adro (vulgo patamar) da matriz<sup>25</sup>”.

---

<sup>24</sup> Entrevista realizada como o padre dom Dommenico Zocchi em 7 de agosto de 2010.

<sup>25</sup> Idem.



# MONUMENTO COMO LUGAR DE MEMÓRIA.

Neste capítulo discute-se a representação simbólica, cultural e religiosa do cruzeiro, assim como a compreensão da permanência na memória coletiva do mito da oração de proteção da cidade.

## Simbologia e Significado em torno do Cruzeiro

No livro *História e Memória* de Jacques Le Goff encontra-se uma definição para a palavra monumento:

A palavra latina monumentum remete a raiz indo-européia que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória “iluminar”, o monumentum é um sinal do passado. Atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.<sup>26</sup>

Considerando o monumento como forma de perpetuar a recordação, este torna-se um lugar de perpetuação da memória tanto individual quanto do grupo. A considerar que existem lugares cuja função é fazer recordar um acontecimento Pierre Nora salienta que existem “lugares de memória particularmente ligados a uma lembrança pessoal” e os de “apoio a memória mais pública”, no caso, os monumentos. Ao caracterizar tais lugares o autor ressalta que os lugares de memória:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente somente em graus diversos. (...) Os três aspectos coexistem sempre.... É matéria por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólico por definição visto que caracteriza por uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou<sup>27</sup>.

O cruzeiro é assim um lugar para lembrar um acontecimento importante para a comunidade que se faz presente no cotidiano da população e funciona como elo com o passado, por remeter a lembrança dos fatos, reavivados na

<sup>26</sup> JACQUES LE GOFF, 2006:526.

<sup>27</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares de memória*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, SP – Brasil, 1981, p.07.

memória dos moradores mais antigos. Para Marcelo Abreu:

Uma das idéias que levam a construção e preservação dos monumentos é perpetuar a memória. É garantir a lembrança da vida da cidade em outros tempos comemorar personagens e acontecimentos, celebrar o passado.<sup>28</sup>

A história por traz da reconstrução do Cruzeiro mexe com o imaginário dos moradores e de seus descendentes, que envoltos num saudosismo relembram com orgulho a participação de familiares nesse processo. A reconstrução tornou-se um acontecimento comum a todos mesmo que não tenham participado ativamente. Há nesse sentido uma memória sobre o acontecimento que foi repassada ao longo das gerações. Todos já ouviram a história sobre a reconstrução que atesta um ato de reafirmação da fé dos habitantes da cidade, na época e ainda predominantemente católicos. Essa memória, repassada a gerações é a “memória herdada”, que para Michel Pollak trata-se de uns dos níveis da memória, ao que o autor afirma:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade<sup>29</sup>

Há nesse sentido um esforço de construir uma memória comum que une a todos. Cada um que reconta a história da reconstrução do Cruzeiro sente-se parte da mesma, seja pelo parentesco com alguém que viveu o momento ou mesmo com alguém que contava a história. Ou simplesmente por pertencer à cidade. Assim, indivíduo e lugar compartilham a mesma história. Este sentimento de pertencimento é explicado por Michael Pollak quando afirma que:

“a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si<sup>30</sup>.”

<sup>28</sup> *Ciência Hoje*, (outubro 2000).

<sup>29</sup> POLLAK, M.. *Memória e identidade social*. *Revista Estudos Históricos, América do Norte*, 5, jul. 1992. Disponível em: <http://virtual-bib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 25 Nov. 2010.

<sup>30</sup> *idem*

## Compreensão da memória da oração de proteção

Novamente o caráter religioso é preponderante na afirmação do cruzeiro como lugar de memória. Pois, é repassado de geração em geração o poder de proteção que muitos acreditam que ele tenha sobre a cidade.

Toda essa crença se respalda nas relíquias de Santa Flora guardada no pedestal do cruzeiro atual e nas palavras proferidas pelo Frei Vidal, ainda repetida pelos mais devotos e fiéis.

Perpetua-se assim a ideia de uma proteção coletiva e também individual a cada um que por ele passar e repetir o ritual como manda a oração: “... rezar aos pés da cruz três Aves Maria, e três Glórias ao Pai...” A busca por proteção leva muitas pessoas a seguir fielmente o que diz o ritual da oração sempre que por ali passa despertando a curiosidade daqueles que desconhecem seu sentido. Reforçando o pensamento ora já exposto, neste trabalho, reafirmamos que o Cruzeiro é um local “cume” de oração coletiva. Pois, anualmente a tradição se repete com o levantamento da bandeira dos padroeiros Santos Cosme e Damião dando início ao novenário. Na ocasião, o vigário que comanda o momento de oração faz um resgate histórico contando aos visitantes a história do Cruzeiro. Aos demais fiéis pereirences, veem reforçar exaltando seu significado religioso.

Por se localizar em um lugar central, em frente à igreja na rua principal este monumento atrai a atenção de visitantes que ao passar em frente, seja a pé ou em algum automóvel param e ficam a contemplá-lo. Na maioria das vezes todos que o contemplam fazem questão de fotografá-lo. Este adquiriu também um significado turístico e se integrou a paisagem da cidade fazendo parte do patrimônio arquitetônico. Além de atrair a atenção dos visitantes, o cruzeiro é também um ponto de encontro de casais de namorados, amigos e estudantes quase todas as noites que sentam no entorno, às vezes à frente nos degraus,

pois existe também ali uma escadaria onde estes sentam e ficam a apreciar a vista da área central da cidade. Uns a conversarem sobre suas relações, outros para apreciarem a noite e ainda estudantes esperando os ônibus escolares chegarem à praça para voltarem a casa depois de suas aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mim, a história é a soma de todas as histórias possíveis, uma coleção de misteres e de pontos de vista, de ontem, de hoje, de amanhã. O único erro seria escolher uma dessas histórias com exclusão das outras.(Fernand Braudel)

A presente monografia abordou a história de reconstrução do cruzeiro erguido no patamar da igreja da cidade de Pereiro - CE, no intuito de discutir a representação simbólica cultural e religiosa para os habitantes desta cidade.

Na análise que buscou afirmar que o cruzeiro é um elemento da fé cristã, constatou-se que este se impõe como marco histórico da festa dos padroeiros S.S Cosme e Damião e sua reconstrução foi envolta de simbologia e significado para todos independente de crença, religião e ou interesses políticos.

Os conhecimentos adquiridos com a realização desse trabalho corresponderam as nossas expectativas iniciais e ao mesmo tempo compensou as dificuldades que enfrentamos. Dificuldades estas que se configuraram na inexistência de documentos escritos e no trato com as fontes orais que nos subsidiassem para a redação do mesmo.

A monografia se constituiu num registro da memória coletiva contribuindo para o entendimento da simbologia em torno do cruzeiro para as futuras gerações. Pois, mesmo sem pretendermos dá uma explicação geral da história do cruzeiro, oferecemos elementos para a compreensão do seu significado e da existência do mito da oração de proteção à cidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo. Pedra, bronze, história... Estátua! *Ciência Hoje das Crianças* 107, outubro 2000: p. 23 – 25.

AMORIM, Maria Adelina. Frei Henrique de Coimbra: primeiro missionário em Terras de Vera Cruz” in, *Revista Camões* nº82000. Disponível em <http://www.instituto.camoes.pt/revista/freihenrique.htm>. Acessado em 22/11/2010.

ARAÚJO, Vicente de Freitas. *Bela Cruz-Biografia do Município*. Bela Cruz: Edições Cururu, 2007.p 68.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. O BEIJO E A SANTA: DEVOÇÃO E SOCIABILIDADE NAS MINAS DO SÉC. XVIII. In: *Tradições de Minas por Márcio Vinícius Horta*. Disponível em: [www.descubraminas.com.br](http://www.descubraminas.com.br). Acesso em 05 de setembro de 2003.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. (coord.). *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: UFS. 1991.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

GAULIN, J. L. A ascese do texto ou o retorno às fontes. In: Boutier, J., Julia, D. *Passados*

*recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1998.

GOFF, Jacques L. *História: Novos Objetos*. 4ª Ed. São Paulo: Francisco Alves, 1998.

\_\_\_\_\_. Documento/Monumento In: *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora INICAMP, 2006. p. 526.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOORNAERT, Eduardo, *Historia da Igreja na América Latina e no Caribe*.

1994,1995 o Debate Metodológico, Petrópolis, Vozes, 1995.

MAGALHÃES, J. Experiências de exploração do arquivo histórico de um liceu. Fernandes, R, Magalhães, J. *Para a história do ensino liceal em Poertugal*. Braga, Un. do Minho, 1999.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares de memória. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC*. São Paulo, SP – Brasil, 1981, p.07.

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. *Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural*. UNESCO, 1972.

POLLAK, M.. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, América do Norte, 5, jul. 1992. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 25 Nov. 2010.

RAPHAEL, Samuel. História Local e História Oral [tradução: Zena Winoma Eisenberg] In: Rev.Bras. de Hist. SP. p. 219. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990

SILVA, Adauto Odilon. SILVA, Meton Maia e (participação especial). Pereiro Serra dos Santos Cosme e Damião (Um depoimento para a história). Fortaleza: RBS, 2004.

#### BIBLIOGRAFIA SOBRE REFERENCIAÇÃO DE DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Cruzeiro Cruzeiro (monumento). Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro\\_\(monumento\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_(monumento)).

Márcio Vinícius Horta. Tradições de Minas. Disponível em: [www.descubraminas.com.br](http://www.descubraminas.com.br) Acesso em 05 de setembro de 2003.

# ANEXOS

**Antigo Cruzeiro**



1799 Visita de Frei Vidal da penha (Cruzeiro)

**Foto do cruzeiro Pereiro-ce, setembro 2010**



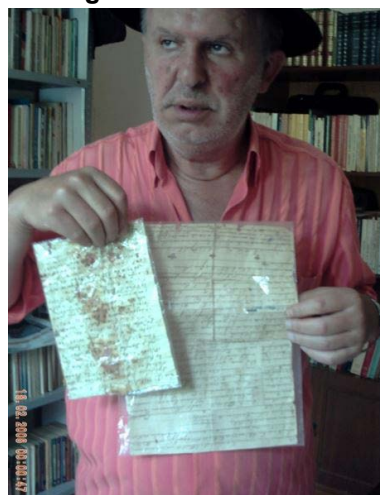
**Procissão de Santos Cosme e Damião**



**Igreja do Século XIX**



**Carta escrita por Frei Vital da Penha e o Vigário d. Domenico Zocch**



**Concentração da população no encerramento da festa dos Padroeiros**





## FONTES DOCUMENTAIS

Arquivo da Secretaria da Igreja Matriz. Texto escrito por Frei Vital em 27 de outubro de 1798.

### ENTREVISTAS

Entrevistado( a): Cosma Alves de Lima

Idade: 81 anos

Escolaridade: Fundamental I incompleto

Profissão: Aposentada

Envolvimento com o tema: Agente Ativa da Liturgia Cristã da Igreja Matriz

Data da Entrevista: 30 de julho de 2010.

Entrevistado (a): dom Domenico Zocchi (Pe. Gino)

Idade: 64 anos

Escolaridade: Superior

Profissão: Pároco da Matriz. S.S.Cosme e Damião

Envolvimento com o tema: Pároco a mais de 30 anos

Data da Entrevista: 07 de agosto de 2010

Entrevistador (a): Edneide Alves Moura Silveira.

FOTOS: acervo pessoal

## **SOBRE AS AUTORAS**



### **Edneide Alves Moura Silveira**

Mestra Educação pela Flórida Christian University (FCU) - Mestra em Sociais e Humanas pela Universidade do Mato Grosso - UNAMA. Especialista em Psicopedagogia Institucional Universidade Vale do Salgado- UNIVS. Especialista em Gestão Escolar pela (Universidade Federal do Ceará-UFC). Graduada em Letras/ Língua Portuguesa pela Universidade Pitágoras (UNOPAR). Em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ). Em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú- UVA. Professora da Educação Básica Municipal desde 1992 e atualmente está Formadora Municipal de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Programa MaisPaic na Secretaria Municipal de Educação de Pereiro e está Técnica Pedagógica e Coordenadora da área de Humanas na mesma instituição. Também é professora da Educação Básica Municipal de História nos Anos Finais desde 2002, na cidade de São Miguel-RN.



### **Maria Gracilene de Oliveira**

Mestranda do Profhistória/UERN, possui especialização em Psicopedagogia pela FVS, graduação em História pela PUC-RIO e Pedagogia pela UERN. Atua como professora da Educação Básica, Anos Finais, Pereiro/CE, desde 1998 e Professora da Educação Básica, Anos Iniciais, São Miguel-RN, desde 2002.



### **Maria Jacsonilma Lima Moura**

Mestra em Educação pela Flórida Christian University-FCU. Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú-UVA. História pela PUC-Rio (PUCRJ). Especialista em Psicopedagogia Universidade Vale do Salgado (UNIVS). Graduada em Artes visuais pela (UECE). Professora da Educação Básica Anos Iniciais e Finais, desde 1998 em Pereiro-CE. Professora da Educação Básica Anos Iniciais, desde 2002 em São Miguel-RN.

# ÍNDICE REMISSIVO

## A

acontecimentos 11, 14, 26  
alfabetização 2, 5  
alfabetização científica 2  
análise 8, 14, 29  
artísticas 12

## C

caminhos 10, 11, 12, 15  
cidade 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 24, 25, 26,  
27, 28, 29  
científica 2  
comunidade 12, 19, 20, 21, 22, 24, 25  
consciências 22  
costumes 7, 10, 12, 16  
crença 10, 15, 16, 17, 27, 29  
cruz 10, 11, 17, 19, 24, 27  
cruzeiro 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22,  
23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32  
cultural 7, 8, 9, 12, 13, 16, 21, 25, 29, 30

## D

documentar 8, 21, 22  
documento 8, 21

## E

educação 2, 5  
elementos 10, 12, 13, 14, 29  
ensino 2  
escolar 2, 5  
escolas 2  
escritos 8, 11, 13, 25, 29  
estudo 2, 5, 7, 8, 10, 12, 14, 16

## F

fé 10, 11, 15, 17, 19, 26, 29  
fenômenos 7, 19  
festejo 19  
fiéis 17, 18, 23, 27

## H

história 8, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 22, 26, 27, 29, 30, 31  
histórias 8, 12, 21, 23, 29  
histórico 9, 11, 12, 13, 14, 20, 21, 27, 29, 30  
historiografia 8, 21

## I

identidade 7, 13, 20, 21, 26, 31

igreja 8, 10, 12, 14, 16, 20, 21, 23, 24, 27, 29

igrejas 10, 12

## M

memória 9, 13, 17, 21, 22, 25, 26, 27, 29, 30

milagres 15, 17

## P

padrões 10, 12

pesquisa 7, 8, 20, 22

pesquisando 8

população 8, 11, 15, 16, 17, 20, 25, 32

povo 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 22

processo 2

## R

reconstrução 8, 9, 13, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 29

religiosidade 7, 8

religioso 7, 8, 11, 13, 14, 22, 27

reliquias 27

responsabilidade 5

## S

símbolo 10, 15

simbologia 9, 29

símbolos 19

socializador 19

sociedade 7, 14, 16, 19, 22

sócio-econômico 7

## T

tradição 15, 16, 27

## V

vivencia 7





**AYA EDITORA**  
**2022**